

ISSN 1415-4498

*M*ANUSCRÍTICA

REVISTA DE CRÍTICA GENÉTICA

14

Centre de Documentation du Cours
de Langue et Littérature Française

ASSOCIAÇÃO DE PESQUISADORES DO

L I T E R Á R I O

*M*ANUSCRÍTICA

REVISTA DE CRÍTICA GENÉTICA
VITÓRIA, ES – DEZEMBRO DE 2006

Conselho Editorial:

ALMUTH GRÉSILLON
AMÁLIO PINHEIRO
JULIO CASTAÑON
RAUL ANTELO
ROBERTO BRANDÃO
WILLI BOLLE
YEDDA DIAS LIMA

Editoria científica:

ÂNGELA GRANDO BEZERRA
APARECIDO JOSÉ CIRILLO
MARIA REGINA RODRIGUES
MARIA GORETE DADALTO GONÇALVES
FERNANDO AUGUSTO DOS SANTOS NETO

Diretoria Editorial:

APARECIDO JOSÉ CIRILLO

Projeto Gráfico:

LUCIANO ALVES PORTELA
VITOR CAMPOS LOUZADA

Ilustração Capa:

ATÍLIO COLNAGO

SUMÁRIO

1. Como entender os processos de criação vinte anos depois - Philippe Willemart.....	9
2. Lecture macro, lecture micro du processus d'écriture_ Réflexions sur la performativité du détail en critique génétique - Irène Fenoglio.....	22
3. Crítica de Processo - Cecília Salles.....	36
4. Signo e significação: Pensamento diagramático e leis de formação - Daniel Ribeiro Cardoso.....	41
5. Informação Estética: Processos de Construção de Formas na Criação - Edina Regina P. Panichi.....	47
6. Breviário das terras do brasil: uma aventura nos tempos da inquisição e os vários caminhos que os manuscritos nos proporcionam - Isabel Cristina Farias de Lima.....	52
7. A Comunidade do Arco-íris: a Gênese de um Possível Novo Mundo - Mara Lúcia Barbosa Da Silva.....	56
8. A presença de João Cabral de Melo Neto e Murilo Mendes em Acervos de escritores espanhóis - Ricardo Souza De Carvalho.....	61
9. Mário de Andrade: epistolografia e processos de criação - Marcos Antonio de Moraes.....	65
10. Poética do processo - Roberto de Oliveira Brandão.....	71
11. Estética da Criação: a gênese de Vidas Secas, de Graciliano Ramos - Vanda Cunha Albieri Nery.....	75
12. O território do caderno de criação - Laís Guaraldo.....	80
13. O códice 367 (320) da Biblioteca Nacional de Lisboa - Carlos Eduardo Mendes de Moraes.....	88
14. Acervos de autores e projetos de edição crítica: Os casos de Fernando Pessoa e Eça de Queirós - Ceila Ferreira Martins.....	94
15. Ficção e Imprensa no Brasil: os Processos de Criação de Machado de Assis, Joaquim Manuel de Macedo e José de Alencar - José Alcides Ribeiro.....	101
16. Machado de Assis e o Corpus flaubertianum - Verónica Galíndez Jorge.....	116
17. Revisitando a aquisição de segunda língua: inglês - Ana Elisa Machado Cysne.....	121
18. Tradução literária e crítica genética: Estudo genético do prototexto da tradução para o português do romance de Gabriel Garcia Marques Memória de minhas putas tristes. - Marie-Hélène Paret Passos.....	127
19. Drummond e o Arquivo-Museu de Literatura - Eliane Vasconcellos.....	132
20. Arquivos de escritores: as tramas no Arquivo Mário de Andrade - Marcia Regina Jaschke Machado.....	138

21. Método Van Gogh de formação em artes visuais - Edson P. Pfützenreuter.....	143
22. Um diálogo com as cartas de Vincent Van Gogh - A partir do livro Vincent Van Gogh: cartas a Théo - Maria Paula Palhares Fernandes.....	150
23. Italo Calvino: reflexões sobre processo de criação - Maria Sílvia Bigareli.....	161
24. A Poética de Norma Grinberg: O Arco do Desejo - Sylvia R. Fernandes.....	166
25. Construção metodológica na pesquisa em Educação: contribuições da Crítica Genética - Ronaldo Alexandre de Oliveira e Sílvia Regina Ribeiro.....	171
26. Processos de escritura na escola: breve panorama de alguns estudos franceses e brasileiros - Valquíria C. M. Borba e Eduardo Calil.....	177
27. Desdobrando as Funções dos Documentos de Processo: uma Análise nas Artes Visuais - Aparecido José Cirillo.....	185
28. Problemas de transcrição na Missa no. 7 de Francisco Mignone - Carlos Alberto Figueiredo.....	193
29. Processo de criação: diálogo com a cultura - Cristiane Miryam Drumond de Brito	199
30. Espaços de criação de duas ceramistas brasileiras - Maria Regina Rodrigues.....	206
31. Acaso como tendência: o projeto poético de Milton Montenegro - Maria Gorete Dadalto Gonçalves.....	215
32. Edição Crítica da Poesia Completa de Lúcio Cardoso - Ésio Macedo Ribeiro.....	225
33. A poesia machadiana: versões, traduções, revisões e diálogos – uma musa de roupas embebidas - Francine Fernandes Weiss Ricieri.....	231
34. O fazer naturalista em o mulato, de Aluísio Azevedo - Laura Camilo dos Santos Cruz.	237
35. Perspectivas sobre a gênese de Casa de pensão - Marizete Liamar Grando.....	244
36. A escrita literária é sempre uma prática crítica. Mas crítica do quê? Do processo - Claudia Amigo Pino.....	249
37. O processo telejornalístico na edição - Aline Grego.....	259
38. A Crítica Genética na Propaganda - Prof. João Vicente Cegato Bertomeu.....	268
39. O Processo de Criação e Produção em Os Simpsons - Profa. Chantal Herskovic.....	277
40. O Caderno Rosa de Hilda Hilst - Cristiane Grando.....	286
41. A condição fotográfica da arte contemporânea - gênese e o processo de criação - Evandro de Freitas Gauna.....	287
42. O processo de criação de Cidade de Deus - Keila Prado da Costa.....	289
43. Generalizações sobre o proceso criativo servindo como suporte no caminhar de uma oficina terapêutica ocupacional com psicóticos	290
44. Disciplina e liberdade: leituras processuais na música de H.J. Koellreutter.....	295

10. POÉTICA DO PROCESSO

ROBERTO DE OLIVEIRA BRANDÃO
USP

DUAS PALAVRAS SOBRE POÉTICA E ESTÉTICA

Conforme nos deixaram os antigos, o termo poética dizia respeito à sistematização dos meios e modos de produção de uma obra, a escolha dos temas, dos materiais, das formas, dos procedimentos, do gênero, do estilo, etc., no que consistiam em alternativas de sua composição. Isso valia para todo e qualquer artefato produzido pelo homem. Seu horizonte de referência eram os casos considerados bem sucedidos de objetos congêneres.

Nesse sentido, a poética estava mais próxima do artesanato ou de uma prática de elaboração do objeto do que de uma preocupação com os fundamentos do belo ou reflexão sobre eles. Naturalmente essa distância se explicava pelo fato de que as poéticas tinham objetivos pragmáticos: orientar a criação e a recepção das obras, e não desenvolver reflexões de cunho estético-filosofico ou crítico.

Por outro lado, a poética, enquanto sistema normativo, era o correlato da experiência individual do produtor da obra. Entre a construção de um objeto como processo físico e a consciência prática que se manifesta nas normas e princípios da poética há uma relação dialética. A história das poéticas e a história das práticas produtivas sempre caminharam juntas, embora só tenham efetivamente alargado os seus horizontes quando entraram em confronto entre si. A atividade crítica está tanto na origem desses confrontos como é sua consequência.

Embora seja possível intuir ou deduzir regras e princípios gerais, isto é, uma teoria, a partir da construção dos objetos, o compromisso básico da poética é sobretudo com a prática individual, no sentido em que esta tem por finalidade produzir a obra singular e concreta. O que legitimava para os antigos a utilização da poética como matriz geradora de inúmeras obras era o princípio estético da imitação ou mimesis. As regras da poética asseguravam o cumprimento desse princípio. As diferenças individuais não chegavam a rompê-la no que se considerava essencial.

A partir do Romantismo, quando se desloca o eixo de ação dos modelos do passado para a esfera da experiência individual no presente, tanto a imitação quanto as regras da poética são desativadas, não restando ao artista senão o processo como lugar da criação. Sua atenção e imaginação têm de interagir com os materiais no estado em que vão se apresentando, de onde deve tirar as regras de sua própria constituição.

Como parte da filosofia, a estética estuda os princípios que fazem de um corpo sensível um objeto belo. Entre a poética e a estética, portanto, há uma relação de solidariedade entre duas instâncias distintas, mas complementares, uma cuidando da praxis produtiva (o trabalho com os materiais) e a outra dos fundamentos teóricos (as categorias universais). Pelo menos foi essa direção traçada por Baumgarten quan-

do, em 1750, escreveu o primeiro tratado sistemático sobre Estética.

O PROCESSO CRIATIVO E O OBJETO ESTÉTICO

No contexto da crítica genética e da cultura contemporânea, falar em poética do processo implica em considerar que os procedimentos com que o artista vai construindo sua obra podem e devem ser estudados com objetivos e interesses próprios. Mais ainda, que o conjunto e a dinâmica do trabalho criativo possuem uma lógica e uma especificidade que não se confundem com a forma estética da obra concluída, embora, quando possível, seja enriquecedor relacionar as duas coisas. Não se pode esquecer que o processo e a obra se complementam. Indagar hoje se é mais importante o trabalho material e fragmentário do artista ou sua obra acabada, plena de sentido e valor, parece-me a mesma coisa que as discussões antigas quando divergiam os filósofos se a causa ou fonte do saber era o entendimento ou a sensibilidade. Kant nos mostrou que são fundamentos distintos que não se excluem.

Se o processo criativo mostra os passos seguidos pelo produtor do objeto, registrando suas ações, hesitações, escolhas ou reformulações em busca de uma meta ainda informe ou apenas intuída, a obra acabada representa o estágio final do processo, quando ela ganha sentido unitário, e, simbolicamente, como que se liberta do estágio material e fragmentário de sua constituição. A partir desse ponto, ao julgar que a obra atingiu sua plenitude, o criador deixa o status de ser humano e se eleva a um nível mais abstrato, por contaminação de sua obra. É o que ocorria no passado quando o autor famoso era considerado uma espécie de arteção divino.

Ao descrever o ato da criação, o texto bíblico afirma: “E viu Deus que isso era bom”, mas, embora nos relate que o mundo foi criado parte por parte, nada diz se o Criador teria feito modificações nas coisas produzidas. Provavelmente não, pois um criador onisciente só poderia fazer coisas perfeitas e acabadas. O processo de produção humana, especialmente nos casos em que se espere originalidade, exige uma interação harmoniosa com os meios e instrumentos materiais utilizados na construção do objeto.

A desconsideração desse aspecto tem sustentado a crença de que, em suma, além dos fundamentos propriamente estéticos e metodológicos, a obra concluída tem também raízes metafísicas e teológicas. A preocupação com o processo vem certamente restabelecer um equilíbrio pelo que esclarece e desmitifica a função do artista, mostrando que na base do que se reconhece como valor estético está o trabalho metucioso com os materiais e as soluções disponíveis ao produtor da obra.

MOTIVAÇÕES EXTERNAS E INTERNAS

Tanto as teorias da arte como as poéticas tradicionais sempre privilegiaram o estado final do processo cujo produto, a obra, tinha de corresponder ao modelo seguido, isto é, sua motivação vinha de fora da própria obra. O peso da tradição sobrepunha-se ao indivíduo. O passado, representado pelas obras reconhecidasmente “perfeitas”, ditava o futuro, isto é, as metas a serem atingidas pelos artistas. Nesse sentido, as poéticas tradicionais funcionavam em geral como exposição ou justificação dos procedimentos utilizados pelos mestres, raramente como reflexão

propriamente dita. Por conseqüência, a avaliação do artista devia ser medida pelo modo como ele conseguisse mostrar-se criativo utilizando o repertório das soluções consagradas. Assim, aliás, funcionava também todo o sistema educativo como transmissor das competências culturais e artísticas.

O PROCESSO CRIATIVO COMO ANÁLISE COMPARADA

Rigorosamente falando, cada alteração introduzida pelo autor em sua obra caracteriza o processo criativo como sucessivas comparações com as quais ele vai testando as soluções que lhe parecem mais adequadas, permitindo assim avançar em seu trabalho. É um verdadeiro movimento dialético pelo qual, em determinado contexto, um elemento modificado ou substituído explicita a razão de sua alteração. A projeção de tais mudanças indicará a tendência das transformações. Mesmo recorrendo a um exemplo extremamente simplificado, essa dinâmica mostra que o processo criativo mobiliza ao mesmo tempo uma prática produtiva, uma leitura crítica e uma escolha dos meios expressivos à disposição do autor.

UMA POÉTICA DO PROCESSO

O projeto de uma poética do processo centraria o foco de interesse na atividade do artista. Partindo dos seus esboços e rascunhos, notas e materiais diversos, procuraria ver como ele vai elaborando sua obra, as modificações que opera, qual a lógica dessas modificações, etc., de modo que se possam deduzir procedimentos peculiares a essa obra. Em uma fase posterior se poderia comparar a poética do processo de uma obra singular com as que dão origem a outras produções de um autor ou mesmo de um período estético ou histórico. Teríamos então uma nova perspectiva de estudo comparado, ou seja, baseado em processos criativos.

Esse será um trabalho a ser realizado pelo crítico genético a partir dos documentos e das operações utilizadas pelo artista. Do ponto de vista da poética do processo, o que pensou ou sentiu, conscientemente ou não, o produtor da obra conta na medida em que deixa rastros de sua passagem na cadeia das modificações que efetivamente faz em sua obra.

Como a obra constitui o última etapa do processo criativo onde se configuram as diversas escolhas e decisões do autor, ela servirá de referência, necessariamente à posteriori, sobre a natureza e a direção dos objetivos perseguidos pelo autor. Daí a importância da obra concluída para orientar o crítico genético sobre o caminho percorrido pelo autor. Certamente ocorre assim porque não se podem ver com clareza os resultados de uma busca criativa durante a interação dos elementos que constituem o processo, pela simples e boa razão de que nem ao próprio produtor é dado conhecê-los. Se o soubesse com clareza antes de produzi-lo, certamente não o faria através de reiteradas tentativas. Conhecido o resultado final, temos possibilidade de perceber que já havia na dinâmica do processo elementos indicativos que apontavam uma direção ou uma tendência. Esse fato tem reforçado a tese de que a lógica imposta pelos próprios materiais é que conduz o ato criativo, em vez de um autor plenamente consciente de seus propósitos e ações. Como bem ilustra a interjeição grega "heureka" (acheil), atribuída ao matemático Euclides (287-212 a.C.), também

na criação, a solução de um problema de difícil solução surge como uma espécie de surpresa em meio às tentativas para resolvê-lo. A poética do processo certamente foca o problema da criação pelo viés do trabalho e não pelo viés do acaso, do gosto ou da inspiração divina.